



Simpatias, resoluções e tradições

A folhinha mostra que amanhã não apenas é outro dia, mas outro ano. Todos, uns mais outros menos, recebemos um monte de felicitações — provavelmente por termos sobrevivido — e de votos cheios de esperança. É praxe. Mas muito pouca gente sabe o que quer alcançar de verdade, além das conquistas imediatas e pontuais.

É hora de pular sete ondas, mesmo que provocadas por uma lancha, na beira do lago, jogar umas flores e fazer uma oração, como meu amigo planeja. Ele acha melhor não brincar com ano que começa, embora não seja nem muito católico, nem um pouco umbandista — mas prefere não duvidar de nada.

Acredita, ainda, que não custa dar uma ajuda ao acaso e pôs-se a imaginar o que faria para que o ano novo realmente fosse diferente. Talvez fosse o caso de caprichar nas simpatias, procurar uma romã ou cozinhar lentilhas, usar uma cueca nova ou colocar uma nota de R\$ 100 embaixo de um copo d'água.

Mas lembrou-se que, no ano anterior, tinha deixado uma gema de ovo ao relento e só conseguiu atrair um saruê. Desistiu também de restringir hábitos alimentares — não iria deixar de comer carne nem de beber sua cerveja, porque não vê sentido em tanto sacrifício.

A primeira ação da lista de resoluções foi mesmo voltar a praticar esportes; não mais a caminhada quase diária que ele faz até o bar, distância considerável, mas que dificilmente pode ser interpretada como exercício. Desta vez, ele se imaginou naqueles aparelhos de academia; esforço que compensaria, já que o médico prometeu suspender o remédio para pressão alta se ele fizesse exercícios regulares.

Era pouco. Aquele curso de francês, interrompido no terceiro semestre, quando não conseguia acompanhar os tempos verbais, seria retomado. Afinal, agora ele tinha tempo. Estava viajando menos, trabalhando com mais calma. Trocaria os votos de trabalho e dinheiro por sossego, este, sim, artigo raro, ainda que dependente dos outros dois.

Como muitos brasileiros, vai vestir branco hoje à noite, sem saber que é tradição recente, com pouco mais de cinco décadas, incorporada à cultura do maior país católico do mundo pelo



candomblé. A origem vem dos irúnmolés's funfun, divindades do branco que prestam homenagem a Oxalá na cultura yorubá. 2024, dizem, será regido por Omulu.

Os católicos usam branco, mas reverenciam São Silvestre na passagem do ano. O santo viu a Virgem Maria contemplando o mar, quando ela disse que tinha saudade de Atlântida, reino submerso por Deus como punição pela soberba de seu imperador e dos pecados do povo.

Transformadas em pérolas, as lágrimas da Virgem caíram no mar e uma delas deu origem à

Ilha da Madeira — ainda hoje chamada de Pérola do Atlântico pelos locais. Na mesma ocasião, surgiram luzes no céu, dando origem à tradição dos fogos de artifício para saudar o novo ano.

Teremos 365 dias pela frente antes que novamente estejamos nos felicitando, desejando mais um ano bom, felicidade e sorte. São 8.664 horas à disposição de cada um de nós, antes que a Terra complete mais uma voltinha em torno do Sol, para que a gente possa dar uma ajudinha aos orixás, santos e destino. Aproveitemos cada uma delas. Bom ano novo.